

**EDUCADORA DOS TRABALHADORES E DAS TRABALHADORAS: AS
MUDANÇAS NO MUNDO DO TRABALHO EXIGEM PENSADORAS COMO
ACÁCIA ZENEIDA KUENZER¹**

Lígia Regina Klein²
Bianca Larissa Klein³



“Aos trabalhadores que, embora expropriados do produto e do saber do seu trabalho, recomeçam a cada dia a construção de um mundo novo.”
Acácia Zeneida Kuenzer.

Este texto pretende constituir-se como uma homenagem à Acácia Zeneide Kuenzer, professora por largo tempo na Universidade Federal do Paraná, onde coordenou e renovou o Programa de Pós-Graduação e onde dirigiu o Setor de Educação, que atuou no CNPQ, deixando ali um respeitoso legado, que orientou

¹ Homenagem recebida em 23/06/2026. Aprovada pelas editoras em 18/07/2026.

Publicada em 28/07/2026. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v24i54.72507>

² Doutora em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora aposentada da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: lr.klein@uol.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1021738357119839>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6028-8742>.

³ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Professora da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus de Laranjeiras do Sul. Email: biancalklein@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4883660303620973>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1096-581X>.

mestrandos/as e doutorandos/das por muitas décadas, que atuou corajosamente na política institucional – seja na Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná – APUFPR, seja nas disputas para os variados cargos da universidade; que atuou incansavelmente no GT09 – da ANPED – voltado às pesquisas sobre as relações entre Trabalho e Educação; e, finalmente, que escreveu uma obra rica e coerente articulando o mundo do trabalho e a educação.



Necessário confessar que escrever sobre a trajetória profissional e autoral da professora Acácia Kuenzer é um desafio hercúleo e, também, um dever inescapável: trata-se de uma das mais relevantes pensadoras da educação brasileira, senão a maior no campo da tradição marxista, o que impõe, aos educadores, uma permanente volta aos seus escritos.

Essa elevada condição a que Kuenzer se alçou se deve, justamente, à observância do princípio metodológico da práxis. Com efeito, em todo seu transcurso produtivo, Kuenzer vem observando rigorosamente a relação entre teoria e prática, de modo que seu pensamento não guarda nenhum resquício metafísico. Ao contrário, se mantém sob a sólida base da tríade “concreto – abstrato - concreto pensado”. Daí ser, sua obra, uma superação dos voos rasos, das ideias superficiais, dos modismos e dos jargões que sobejam na ideologia burguesa, mormente após os reducionismos pós-modernos.

Para bem entender a profundidade da obra de Kuenzer, convém observar sua militância política em defesa da escola pública e seu instrumental metodológico buscado na produção marxista e observado com rigor impecável, sem jamais cair em reducionismos dogmáticos, o que explica, aliás, a profundidade e pertinência de suas

análises sobre novas reconfigurações das relações entre Capital e Trabalho e seus impactos na educação.

Antes disso, porém, impõe-se recuar no tempo para contextualizar sua formação. Em entrevista datada de 2021, a própria Acácia assinala a importância de seu percurso de vida, desde a infância: “Eu tenho que contar a minha história a partir do momento em que começo a ir com meu pai para o laboratório de análises clínicas. Eu era muito pequena.” E adiante, acrescenta: “Então, eu praticamente me criei dentro de um laboratório, com vidrarias, pipetas, microscópios. Eu penso que meu amor pela pesquisa vem daí.” (Kuenzer, 2021, p. 3). Certamente, não só o amor à pesquisa lhe é inculcado desde a infância, mas também o mais refinado espírito científico, o rigor metodológico, as dificuldades, as idas e vindas do difícil processo de apreender a realidade.

A esse traço da herança paterna somam-se os sentimentos de solidariedade humana, a preocupação com a igualdade e a justiça social, conforme ela própria atesta, na mesma entrevista: “Meu pai [...] tinha virtudes fantásticas que vivenciei no meu convívio familiar, principalmente o amor à verdade, a retidão do caráter, o reconhecimento da igualdade das pessoas, a defesa dos direitos fundamentais e a defesa da justiça social.” (Kuenzer, 2021, p. 3).

A orientação para o magistério e a opção por um referencial científico-filosófico humanista também derivou desse contexto familiar, em que, além do pai, também se destacam a mãe e a tia professora:

Eu fui criada num ambiente que não era só de discurso, mas de relações sociais humanizadas, solidárias e emancipatórias, a partir da conjugação da influência do meu pai e da minha madrinha como professores respeitabilíssimos, e da influência da minha mãe, sustentáculo das relações familiares vinculadas à justiça social. Eu acho que em virtude disso é que acabei criando condições para assumir, embora só no doutorado, o materialismo histórico. Para quem foi criada numa cidade do interior, conservadora, foi uma longa e nada fácil caminhada! (Kuenzer, 2021, p. 5).

Tais virtudes, incrustadas na menina, vão orientar a definição política da pesquisadora adulta, especialmente a partir do seu ingresso na pós-graduação. O contexto de sua formação se dá nos anos de chumbo da ditadura cívico-militar – março de 1964 a março de 1985 – e vem até o momento presente da revolução tecnológica calcada na indústria 4.0, nas plataformas digitais e na IA, passando pelo fecundo transcurso da redemocratização do país. A sua produção, durante todo este

período, retrata um esforço de compreensão da realidade brasileira e, especialmente, a relação fulcral entre trabalho e educação. Nela se destaca, sobretudo, a capacidade de fazer frente a novos desafios por meio de um constante aprofundamento das bases teórico-práticas que se situam já nos primórdios de sua produção acadêmica. Seus avanços, mergulhos profundos na realidade em movimento, não cedem à dispersão das narrativas alienadoras e delirantes forçadas pelo recrudescimento das crises do capitalismo, mormente as de natureza neoliberais.

Sondemos esse percurso. Formada em Pedagogia, pela Universidade Católica do Paraná, em 1973, logo em seguida Kuenzer concluiu uma especialização em Administração Escolar, incursão que, pode-se dizer, lhe deu o objeto a ser perseguido nas pesquisas futuras, conforme bem capta Dermeval Saviani (1985, p. 8), prefaciando “Pedagogia da Fábrica”, obra exemplar da pesquisadora:



Especialista em Administração Escolar, após incursionar com êxito pelas Teorias da Administração, a autora deste livro descobriu que as questões cruciais ligadas ao tema das relações entre educação e trabalho não poderiam ser respondidas satisfatoriamente sem que se examinasse qual o lugar que ocupa e como é encarada a educação no interior da moderna fábrica capitalista.

Em 1979, a educadora concluiu seu mestrado em Educação, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com uma dissertação intitulada “O Ensino de 2º Grau e a Qualificação da Mão-de-Obra”. Neste trabalho já estão presentes, com mais clareza, os elementos fundantes de sua produção: as conflituosas e pouco visíveis relações entre educação e trabalho, a comunhão entre a militância político-educacional e a fundamentação marxista. Em especial, destaca-se a temática que a pesquisadora vai desenvolver contínua e magistralmente: o modo como o sistema educacional se estrutura para responder às demandas de formação e qualificação profissional do mercado de trabalho pertinente ao modo de produção capitalista.



Com sua tese de doutorado, defendida em 1984, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na área de Educação: História, Política e Sociedade, Kuenzer alcança a notoriedade que, com justiça, a acompanha desde então. A tese, convertida em livro, com o título “Pedagogia da Fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador”, é, indubitavelmente, a mais densa pesquisa sobre trabalho e educação na galeria de pesquisadores brasileiros.

Cabe destacar que, a despeito da atenção dada ao campo empírico da educação nacional, as reflexões contidas nesse livro transcendem os limites de territorialidade e se elevam como balizadores consistentes para estudos além-fronteira. Ninguém, de quaisquer das disciplinas de Humanas que discuta trabalho e educação, pode passar à margem das reflexões desenvolvidas nesse livro. Por essa razão, é justo nos determos nele, ainda que brevemente.

Partindo do pressuposto marxiano de que modos específicos de produção e reprodução da vida material impõem demandas também específicas para a formação técnica, intelectual e moral dos trabalhadores, Kuenzer investiga de que modo a fábrica – conectada à produção capitalista – responde às demandas que esse modo de produção apresenta em cada fase de desenvolvimento do mesmo modo de produção. Tendo a sociedade como objeto empírico, é necessário lidar com o constante movimento de mudança e novidades no mais das vezes imprevisíveis; é preciso lidar com os conflitos inerentes à divisão de classes; é preciso lidar com o poder e seus mecanismos, ou seja, com uma empiria material, mas muito distante das regularidades mais persistentes das chamadas “ciências da natureza”.

Trata-se, pois, de enfrentar um objeto complexo e contraditório. Basta lembrar que a passagem do trabalho artesanal para a manufatura e, depois, para o sistema fabril realiza um duplo movimento no conhecimento necessário ao desempenho laboral: fragmenta o processo de produção e incrementa ao máximo uma habilidade mecânica do trabalhador (Marx, 1980). Para esse enfrentamento, o instrumental mais profícuo é o arsenal teórico que já captara o início do processo de constituição do capitalismo, suas leis gerais e suas tendências. Kuenzer vai em busca desse cadinho de conhecimentos de forma primorosa: é uma pesquisadora e estudiosa que não se deixa levar por facilidades enganosas. Ao contrário, vai aos clássicos, incorporando com propriedade o debate das origens ao presente. A título de exemplo, basta mencionar o rol de autores apropriadamente citados e comentados como fundamentação em sua tese. Já no início do seu livro, ao assentar as lentes no duo “trabalho e educação” sob a ótica do modo de produção capitalista, Kuenzer discorre adequada e criticamente sobre as teorizações dos clássicos da economia política burguesa, como Adam Smith, Ricardo, Malthus, deslindando, aí, a heterogestão – modelo clássico da administração empresarial baseado na hierarquia, em que o poder de decisão e controle das operações são centralizados na figura de proprietários,

acionistas e/ou gestores externos – como demanda do capital a se impor como paradigma para a organização do trabalho e, também, para a pedagogia que lhe servirá.

A pesquisadora analisa seu objeto de pesquisa em um patamar mais elevando, respaldada, agora, na crítica da economia política, tal como formulada por Marx e Engels (1982). Nesta direção, investiga o modo como a fábrica capitalista realiza a formação do trabalhador e conclui que o processo produtivo assume uma feição pedagógica – de interesse do capital – que impõe aos trabalhadores uma adaptação ao trabalho fragmentado, hierarquizado e heterogerido, nos moldes do capitalismo industrial. Aqui, é digna de menção a leitura crítica de Kuenzer acerca das proposições de Taylor (1970), e o consequente discernimento e clareza com que expõe: a relação entre a divisão técnica do trabalho e a desqualificação do trabalhador, agora expropriado de um saber geral e processual sobre sua própria atividade laboral; o controle exercido na fábrica sobre o acesso ao saber, reduzido, em regra, ao estritamente necessário para a execução de atividades fragmentadas; o esgarçamento da relação entre teoria e prática, donde resulta a atribuição do saber teórico – vale dizer, escolar – aos responsáveis pelos cargos administrativos, enquanto o saber prático, adquirido no trabalho produtivo, é desvalorizado, resultando em uma hierarquia de conhecimentos legitimadora tanto da dominação do trabalho manual pelo intelectual, como uma valoração salarial hierárquica e desigual.

Bem firmada a compreensão sobre os ditames do capital no processo formativo do trabalhador, Kuenzer (1988) avança sua perspectiva crítica apoiando-se nas teorizações de Gramsci (1978, 1978a, 1981), com destaque para a concepção de trabalho como princípio educativo. A partir da compreensão de que na atividade humana produtiva – enquanto práxis – encontram-se os fundamentos são a base para a formação do ser humano, de sua cultura e sociabilidade, a pesquisadora critica a dualidade histórica do sistema educacional que se cinde em dupla direção: de um lado, uma educação para a elite, visando uma formação propedêutica, intelectual e humanista; de outro, a formação destinada à classe trabalhadora, de caráter puramente instrumental, tecnicista, apenas suficiente para o ingresso primário no mercado de trabalho.

É assim, a partir da leitura aprofundada e da apreensão crítica dos autores clássicos, que Kuenzer estabelece de modo preciso as bases teóricas do seu método

de investigação e se habilita consistentemente para enfrentar as questões complexas da educação no cenário de conflito entre classes sociais. E o faz em investigação acerca da administração fabril, sem tangenciar a práxis, conforme atesta Saviani:

Durante três meses, Acácia conviveu diariamente com operários, supervisores, gerentes administrativos, engenheiros e assistentes sociais dentro de uma fábrica organizada nos moldes da mais avançada teoria da administração capitalista. Seu objetivo: esclarecer como o trabalhador é educado para o trabalho no interior da própria fábrica. Aliando um sólido embasamento teórico a uma incomum capacidade de investigação empírica, a autora levou a cabo seu projeto cuja sistematização se encontra brilhantemente exposta no presente livro [Pedagogia da Fábrica] (Saviani, 1985, p. 9).

Articulando teoria e experiência prática, Kuenzer desnuda mecanismos da administração fabril que orientam a formação dos trabalhadores e, simultaneamente, aprofunda a reflexão sobre as possibilidades de resistência, propondo as diretrizes de uma pedagogia dos e para os trabalhadores, a partir do trabalho como princípio educativo. Com essa diretriz, apreende e demonstra o caráter dúbio da instituição escolar: como instância de reprodução da ideologia capitalista e, contraditoriamente, como possibilidade de organização e realização de resistência, especialmente por meio da construção de uma pedagogia da e para a classe trabalhadora.

Uma outra, mas não última virtude da produção de Kuenzer, reside na sua capacidade notável de manter-se permanentemente atenta ao presente histórico, recolhendo material, assimilando, analisando – sob as mesmas bases teóricas de fundo e, ainda, com o concurso de novas contribuições – a realidade concreta no seu movimento contraditório e as novidades que esse movimento impõe. Nesse sentido, é exemplar a contribuição da pesquisadora na temática difícil e tortuosa da emergência do trabalho flexível e da incorporação das novas tecnologias com suas consequências deletérias nas condições da classe trabalhadora e, por extensão, na educação dos trabalhadores.

A passagem de uma atividade engessada e limitada a gestos simples, nos moldes do taylorismo/fordismo, para a necessidade industrial de incorporação de novas tecnologias – em especial a robótica e a IA – e o novo contexto laboral marcado pela flexibilidade levou muitos estudiosos da educação a argumentar pela superação dos fundamentos marxistas. Tal equívoco foi rechaçado por Kuenzer, que demonstrou sobejamente o fato inarredável de que tais mudanças não faziam mais que tentar

manter, a despeito do patamar de crise, a mesma e velha lógica do capital, agora, entretanto, esmagada pela própria gula concorrencial.

Nessa direção, questionada se não seria necessário redefinir ou reconceituar a natureza do trabalho humano, Kuenzer esclarece:

Não, pois o que está em questão não é a concepção de trabalho na perspectiva ontológica, e sim o trabalho assalariado, expressão historicamente determinada de trabalho no capitalismo. Ao compreender o trabalho enquanto práxis humana, ou seja, como o conjunto de ações materiais e não materiais que são desenvolvidas pelo homem, enquanto indivíduo e coletivo, ao longo da história, para construir as condições de existência, estão postas as bases para compreendê-lo para além da práxis produtiva tal como ela tem sido dominante sob a égide do capital, que elegeu a forma assalariada como sua expressão mais moderna (Kuenzer, 1999-2000, p 3).

Como se vê, o domínio categorial exigido dos teóricos, na dupla dimensão categorial: transitória e histórica, se apresenta na autora com substantiva clareza. A partir dessa compreensão, Kuenzer pode desenvolver toda uma teorização sobre a educação nova conjuntura caracterizada pela flexibilidade. E ela o faz conectando as mudanças educacionais às novas exigências do capitalismo, destacando, por um lado, a mutação do capital no que diz respeito ao tipo de trabalhadores demandados e, por outro, ao giro que tal contexto busca impor à educação: o novo mercado de força de trabalho já não necessita de uma massa de trabalhadores qualificados, mas de um contingente de sujeitos flexíveis, adaptáveis e resilientes, aptos a enfrentar a precarização, cujo exemplo concreto é o fenômeno da “uberização”; concomitantemente, a educação burguesa passa a direcionar-se para a formação desses sujeitos flexibilizados, submissos e “resilientes”. Não por acaso, pesquisadores oriundos de cursos realizados no exterior e financiados por grandes conglomerados renovam seu vocabulário, aqui despejando termos que tentam naturalizar a nova fase do capital: competência, resiliência, produtividade, etc.

Kuenzer responde com consistência à onda pós-moderna e alinhada ao neoliberalismo, que realiza uma forma deletéria de “inclusão excludente” - conforme bem capta a autora. À flexibilidade, Kuenzer responde demonstrando os níveis cada vez mais degradados da precariedade do mundo do trabalho; à resiliência, contrapõe a necessidade de organização e luta dos trabalhadores; ao ataque conteudista, brande a relevância do método capaz de captar a totalidade e o processo, em seus diferentes patamares. Enfim, responde com uma pedagogia dos trabalhadores, para

os trabalhadores. E uma proposta pedagógica deste calibre só se revela a quem de há muito, e com aguda disciplina, tenha se lançado no estudo do trabalho no modo de produção capitalista: Kuenzer é, por todas as razões, nosso farol nesse mar revolto.

Da pesquisadora à professora, da colega à amiga:

Esta homenagem não estaria completa se não nos detivéssemos na figura da Acácia, como pessoa da nossa convivência. Talvez se creia que é mais fácil falar da Acácia professora, colega e amiga: ledor engano! Também aqui são tantas as qualidades humanas que nos sentimos apegadas nesta tarefa que é laudatória sem ser infundada.

Eu, Bianca Larissa, fui aluna de Acácia nos idos de 2002 a 2004, no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. À época, o debate sobre a reestruturação produtiva já iniciara seu curso e Acácia se encontrava entre os principais debatedores do assunto no país, pois já vinha pesquisando a flexibilização do trabalho, desde 1996, em plantas produtivas na Região Metropolitana de Curitiba (Kuenzer, 1988, 1997, 2002, 2003a, 2003b, 2005, 2006). Eu e meus colegas de Mestrado tínhamos o privilégio de receber, em primeira mão, os resultados de suas pesquisas.

Foi uma sorte e uma alegria ter sido aluna da professora Acácia, podendo beber de sua sabedoria, vertida em aulas tudo de forma brilhante e vivaz. Sua forma de explicar conceitos complexos, a partir da recolha de exemplos compreensíveis – e nunca reducionistas – mesclavam-se com tiradas bem-humoradas e comentários sobre a vida, alimentando não somente nosso cabedal de conhecimentos científicos, mas também nosso cadinho de sentimentos humanos, na sua forma mais digna e verdadeira, especialmente por meio de sua própria figura: brilhante, amistosa, gentil e muito comprometida com a educação e os trabalhadores. Com certeza, devo ao seu exemplo muitos dos traços com os quais procuro qualificar minha atuação docente.

Eu, Lígia Regina, fui colega da Acácia no Departamento de Planejamento e Administração Escolar e no PPGE da UFPR, no período de 1987 até para além de sua aposentadoria, em 2006, pois não obstante aposentada, Acácia continuou seu trabalho na Linha de Pesquisa Educação e Trabalho. É impossível falar sobre essa colega sem rememorar sua grandeza de caráter, seu espírito inquieto, sua inteligência

aguda, sua competência investigativa e sua incomensurável dedicação à luta em defesa dos trabalhadores. Acácia é dotada de uma proeza rara que dignifica o magistério: a capacidade de ser gigante e mostrar-se gigante sem nunca nos apequenar. Ao contrário, ao seu lado nos sentimos capazes de voos impensáveis sem sua direção. Generosa, Acácia arrasta consigo, nas suas pesquisas, nos seus trabalhos, todos que a cercam, abrindo caminhos e oportunidades. Amiga, ouve com delicadeza e atenção das mais graves às mais corriqueiras mazelas de quem dela se socorre.

Para além das conferências magistrais, inúmeras vezes, em conversas informais, eu a ouvi discorrer – com genuína despretensão – sobre áreas da cultura, as mais diversas. Filmes? Ela já viu e opina com propriedade! Literatura? Cita de memória verdadeiras pérolas que nos passaram despercebidas. Música? Seu repertório é vasto, eclético, mas de muito bom gosto.

Não sei se ela lembra, mas em uma ocasião eu, Lígia, mencionei “Tamba Tajá” e ela pôs-se a murmurar a canção. Fiquei incrédula, porque era composição muito antiga, que eu só ouvira meus pais cantarem⁴. Não bastasse, pôs-se a contar, com a simplicidade de quem comenta o movimento da rua, a lenda colhida na canção: a história de amor de Uiná e Acami, a paralisia dela e a tipóia com que ele a carregaria junto a si, para sempre. Acácia só não comentou sobre a planta a que o casal deu origem, segundo a lenda: uma folha maior “carregando” uma folha menor, tal como Uiná carregava, às costas, sua amada Acami, então vitimada pela paralisia.

Acácia, para mim, Lígia, é uma expressão viva dessa lenda: não deixa ninguém no caminho; quando um/a companheiro/a é tomado por paralisia, ela imediatamente providencia uma tipóia de afeto e conhecimento e se põe a carregar, com firmeza e doçura, aquele ou aquela que titubeia no percurso da luta dos trabalhadores.

Acácia é uma Tamba Tajá, estendendo sua força ensinamentos por regiões de amplitude amazônica. E por isso, nós, ao seu lado ou na sua esteira, conseguimos também persistir.

⁴ Composição (música e letra de Waldemar Henrique, em 1934, interpretada por Inezita Barroso).



Referências

KUENZER, A. Z. **Pedagogia da Fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez e Editora Autores Associados, 1985.

KUENZER, A. Z. Acácia Zeneida Kuenzer: a constituição de uma educadora. Entrevista concedida a Sandra Terezinha Urbanetz, Cristhianny Bento Barreiro, Ademir Pinhelli Mendes. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 37, e81442, 1-22, 2021.

KUENZER, A. Z. Acácia Zeneida Kuenzer. Entrevista concedida a Nivaldo Antonio David Nogueira. **Pensar a Prática**. Goiás. 3: 1-18, Jul./Jun. 1999-2000.

KUENZER, A. Z. **Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo**. São Paulo: Cortez, 1988.

KUENZER, A. Z. **Ensino médio e profissional: as políticas do estado neoliberal**. São Paulo: Cortez, 1997.

KUENZER, A. Z. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, maio/ago. 2002.

KUENZER, A. Z. Competência como práxis: os dilemas da relação entre teoria e prática na educação dos trabalhadores. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, jan./abr. 2003a.

KUENZER, A. Z. As relações entre conhecimento tácito e científico a partir da base microeletrônica: primeiras aproximações. **Educar em Revista**, Curitiba. n. 1, p. 43-70, 2003b.

KUENZER, A. Z. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L.; LOMBARDI, J.C. (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

KUENZER, A. Z. A educação profissional nos anos 2000: a dimensão subordinada das políticas de inclusão. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 877-910, out. 2006.

KUENZER, A. Z. (2017). Educação profissional: categorias para uma nova pedagogia do trabalho. **Boletim Técnico do Senac**, 25(2), 18–29. Disponível em <https://bts.senac.br/bts/article/view/596>. Acesso em 18 de maio de 2026.

KUENZER, A. Z. (1989). O trabalho como princípio educativo. **Cadernos de Pesquisa**, (68), 21–28. Disponível em <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1118>. Acesso em 18 de maio de 2026.

MARX, K.; ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. Lisboa: Edições Avante e Moscovo: Edições Progresso. 1982.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. Tradução de Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. 788 p.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SAVIANI, D. Prefácio. In: KUENZER, A. Z. **Pedagogia da Fábrica**: as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo: Cortez e Editora Autores Associados, 1985.

TAYLOR, F. W. **Princípios da Administração Científica**. São Paulo: Atlas, 1970.